

# filosofia

ciência&vida



## ENTREVISTA

Domingo Garcia Marzá  
e a Ética empresarial

HONRAHONRA  
HONRAHONRA  
HONRAHONRA  
HONRAHONRA

## PALAVRA DE HONRA!

O honrado pré-moderno versus  
o burguês, em Janine Ribeiro

ANO VII N° 86 setembro 2013

www.portalcienciaevida.com.br

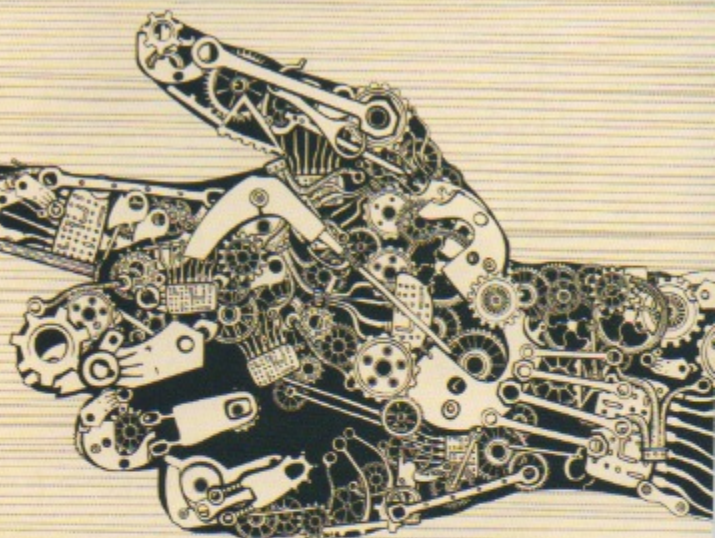


# O paradoxo TECNOCIENTÍFICO

Após 68 anos da explosão da bomba atômica, como avaliar a evolução tecnocientífica? Benefícios foram maiores que prejuízos? O homem tem o controle da situação? Em BACON e HANS JONAS

## KIERKEGAARD, BICENTENÁRIO

Atemporal, o filósofo dinamarquês faz Filosofia com a sutileza típica de um literato



## DAOÍSMO E CONFUCIONISMO

Seria possível um desprendimento total?



NUMERO 86 - PREÇO R\$ 7,90  
ISSN 1807-0238  
9 17 7 8 0 9 6 2 3 0 0 3

PARA O PROFESSOR: PAUL RICOEUR e a construção da identidade

# Quer casar comigo?

**a**tendendo como psicanalista de casais, constato que o pedido de casamento se coloca como uma situação essencialmente ética. Utilizando-me do jargão existencialista, é uma *angústia existencial* por excelência. Comprometer-se juridicamente com um relacionamento nos diversos momentos, nas tristezas e na divisão dos ganhos financeiros oriundos do próprio trabalho não é fácil. Atualmente defendo, nos meios filosóficos e psicanalíticos, que podemos conhecer o caráter de uma pessoa pela forma como ela faz o pedido matrimonial.

O que me motiva a escrever sobre o assunto é o fato de que poucos filósofos analisaram esse tema. Kierkegaard escreveu uma obra dedicada ao casamento, *O valor estético do matrimônio*, em que ele diferencia, assim como eu o faço, o amor entre namorados, baseado em um valor passional, do casamento, que transcende a libido e se transforma em um valor ético – baseado na observação de compromissos: “Se o dever não está no começo do enamoramento, sua aparição produz naturalmente uma

perturbação. Porém, no amor conjugal, não é esse o caso, porque implica o dever no ético”<sup>1</sup>.

Tanto no campo filosófico como no campo da Psicanálise, há três hipóteses que podem invalidar o caráter ético do pedido de casamento enquanto decisão livre. A primeira se inscreve no campo social, em que o ritual do casamento se enquadraria em uma pressão constrangedora. A segunda, que deriva em certa medida da primeira, afirma que existe uma pressão psicológica que constrange os sujeitos a se casarem para evitar uma situação de solidão. A terceira aponta que há correntes da Filosofia e da Psicanálise que atribuem um determinismo inconsciente na escolha do parceiro com quem decidimos casar. Para defender a importância do pedido de casamento no campo da Ética, proponho refutar essas três hipóteses teóricas sobre o assunto.

Em *Para além do bem e do mal*, encontramos reflexões pessimistas de Nietzsche sobre o casamento. A von-

tade dionisíaca (libidinosa) que os homens possuem esbarra em um *amor fati*<sup>2</sup>, em que tanto os homens quanto as mulheres são educados a aceitarem o casamento como um destino a ser vivido. O sociólogo Pierre Bourdieu retoma esse conceito em *A dominação masculina*, quando aborda os instrumentos invisíveis de coação social dos gêneros por meio do ritual de casamento em sociedades europeias e tribais. Desde a infância, as mulheres são ensinadas que só se sentirão realizadas quando casarem – simulam sua vida de esposa com brinquedos típicos como bebês de pano e plástico, xícaras, panelas e casinhas de boneca. Já os homens têm sua masculinidade questionada se não apresentam ao menos uma mulher com quem tenham relacionamento fixo.

Concordo com as análises feitas por Nietzsche e Bourdieu sobre os aspectos sociais que nos condicionam ao ritual do casamento. Porém, discordo das interpretações deterministas que se fazem dessas leituras. Mesmo que sejamos historicamente

<sup>1</sup> KIERKEGAARD, Soren. *Estética del matrimonio*. Buenos Aires, : Editorial Leviatán, 1991, p. 131

<sup>2</sup> Amor ao destino, em latim



influenciados a pedir uma pessoa em casamento, também sempre existiu a relutância ou o questionamento do matrimônio. Podemos escolher continuar solteiros, optar por só morar junto, ter um relacionamento aberto ou nos casar por questões afetivas, econômicas, por aparência ou para evitar atritos e se enquadrar no sistema. Quando se pede uma pessoa em casamento, todas essas opções são cogitadas.

Há quem justifique seu casamento como uma forma de se livrar da solidão – e não são poucas. O problema dessa hipótese é que essa *solidão não existe*. A solidão pressupõe uma relação com outra pessoa, não acessível, existente em memória e afeto<sup>3</sup>. Somos seres totalmente sociais e não podemos existir fora da relação com as outras pessoas – salvo as que sofrem de um transtorno psicótico. Casar-se para combater a solidão não é uma coação, e sim uma má escolha. Usar seu parceiro com o objetivo de fugir do sentimento de solidão, ignorando assim sua dignidade, revela falta de caráter.

A psicanálise de casal, desde Enid Balint até seu aperfeiçoamento com René Kaës,

comprovou a teoria de Schopenhauer sobre o amor: *não escolhemos nossos amantes*. A Psicanálise nos mostra que existe um determinismo psíquico, herdado da história familiar e moldado durante nossa trajetória de vida, que nos conduz a encontrar uma pessoa compatível com nossas necessidades e fantasias psíquicas para estabelecer um vínculo. Toda ponderação sobre “ficar ou não ficar” com uma pessoa é uma ilusão da razão, pois o inconsciente de ambos os envolvidos já tomaram essa decisão quando se conheceram.

Porém, apesar de não escolhermos as pessoas que amamos, podemos escolher conscientemente a maneira como vamos nos relacionar. Casar é uma escolha complexa, pois pressupõe estabelecer uma relação simbólica e jurídica de união sobre um mesmo teto e a obrigação de compartilhar intimidades, tempo e bens econômicos. É sofisticado demais para atender uma simples pulsão inconsciente pela pessoa amada, dado que há outras possibilidades para atingir o mesmo fim.

O pedido de casamento, por conta de todos os compromissos e seus impactos na vida de quem toma essa decisão, carrega a liberdade necessária para ser um dilema ético importante.

Ifilo



ARTHUR MEUCCI  
É MESTRE EM FILOSOFIA  
PELA USP, DOUTORANDO  
EM EDUCAÇÃO, ARTE E  
HISTÓRIA DA CULTURA PELO  
MACKENZIE E MEMBRO DA  
ASSOCIAÇÃO FILOSÓFICA  
*SCIENTIAE STUDIA*.  
PROFESSOR CONFERENCISTA  
DA ECA/USP E DO CURSO DE  
ÉTICA E MEIO AMBIENTE DO  
PEC/FGV-SP E CONSULTOR  
DO ESPAÇO ÉTICA.  
[WWW.MEUCCI.COM.BR](http://WWW.MEUCCI.COM.BR)

<sup>3</sup> Essa noção comum de solidão é um erro de percepção que tanto a filosofia de Heidegger, em *Ser e tempo* (1927), quanto a psicanálise de Winnicott, em *O ambiente e os processos de maturação* (1965), buscaram corrigir